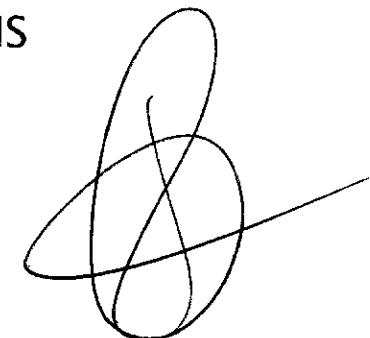


coleção TRANS



Gilles Deleuze

## DOIS REGIMES DE LOUCOS

Textos e entrevistas (1975-1995)

*Edição preparada por David Lapoujade  
Tradução de Guilherme Ivo  
Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi*

*Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2013  
Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France,  
bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes.*

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicações 2013  
Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France,  
contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.



INSTITUT  
FRANÇAIS  
BRASIL

editora ■ 34

EDITORIA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda, (edição brasileira), 2016

*Deux régimes de fous* © Les Éditions de Minuit, Paris, 2003

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA  
APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Título original:

*Deux régimes de fous: textes et entretiens (1975-1995)*

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Bracher & Malta Produção Gráfica*

Revisão técnica:

*Luiz B. L. Orlandi*

Revisão:

*Alberto Martins, Camila Boldrini, Beatriz de Freitas Moreira*

1ª Edição - 2016

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte  
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Deleuze, Gilles, 1925-1995  
D390d Dois regimes de loucos: textos e entrevistas  
(1975-1995) / Gilles Deleuze; edição preparada por  
David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo;  
revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. — São Paulo:  
Editora 34, 2016 (1ª Edição).  
448 p. (Coleção TRANS)

ISBN 978-85-7326-635-1

Tradução de: *Deux régimes de fous*

1. Filosofia. I. Lapoujade, David. II. Ivo,  
Guilherme. III. Orlandi, Luiz B. L. IV. Série.

CDD - 190

DOIS REGIMES DE LOUCOS

Textos e entrevistas (1975-1995)

Nota do tradutor..... 9

Apresentação, *David Lapoujade* ..... 11

1. Dois regimes de loucos ..... 15

2. Esquizofrenia e sociedade ..... 22

3. Mesa-redonda sobre Proust ..... 35

4. A propósito do departamento de psicanálise  
em Vincennes (com Jean-François Lyotard) ..... 63 ✓

5. Nota para a edição italiana de *Lógica do sentido* ..... 66 ✓

6. Porvir de linguística ..... 70

7. Sobre O misógino ..... 75

8. Quatro proposições sobre a psicanálise ..... 82

9. A interpretação dos enunciados  
(com Félix Guattari, Claire Pernet e André Scala) ..... 91

10. A ascensão do social ..... 118

11. Desejo e prazer ..... 127

12. O judeu rico ..... 139

13. A propósito dos novos filósofos  
e de um problema mais geral ..... 143 ✓

14. O pior meio de se fazer a Europa  
(com Félix Guattari) ..... 154

15. Duas questões sobre a droga ..... 158

16. Tornar audíveis forças não-audíveis por si mesmas ..... 163

17. Os que estorvam ..... 169

18. O lamento e o corpo ..... 172

19. Em quê a filosofia pode servir a matemáticos  
ou mesmo a músicos — mesmo e sobretudo quando  
ela não fala de música ou de matemática ..... 174

20. Carta aberta aos juízes de Negri ..... 177

21. Esse livro é literalmente uma prova de inocência ..... 182

22. Oito anos depois: entrevista de 80 ..... 184

23. A pintura inflama a escrita ..... 189

24. *Manfred*: uma extraordinária renovação ..... 195

artísticas de Félix, sobre Balthus, [358] sobre Fromanger, ou análises literárias, como o texto essencial sobre o papel dos ritornelos em Proust (do grito dos comerciantes à pequena frase de Vinteuil), ou o texto patético sobre Genet e o *Cativo apaixonado*.

A obra de Félix está para ser descoberta ou redescoberta. É uma das maneiras mais bonitas de manter Félix vivo. O que há de dilacerante na lembrança de um amigo morto são os gestos e os olhares que ainda nos alcançam, que nos chegam mesmo depois de ele ter desaparecido. A obra de Félix dá a esses gestos e a esses olhares uma nova substância, um novo objeto, capazes de nos transmitir a força deles.

62

A IMANÊNCIA: UMA VIDA...\*  
[1995] [359]

O que é um campo transcendental? Ele se distingue da experiência, enquanto não remete a um objeto nem pertence a um sujeito (representação empírica). Por conseguinte, apresenta-se como pura corrente a-subjetiva de consciência, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da consciência sem eu [*moi*]. Pode parecer curioso que o transcendental se defina por tais dados imediatos: falar-se-á de empirismo transcendental, por oposição a tudo o que faz o mundo do sujeito e do objeto. Há algo de selvagem e de poderoso num empirismo transcendental como este. Não é, certamente, o elemento da sensação (empirismo simples), pois a sensação é apenas uma cortagem na corrente de consciência absoluta. É antes, por mais próximas que estejam duas sensações, a passagem de uma à outra como devir, como aumento ou diminuição de potência (quantidade virtual). Sendo assim, será que é preciso definir o campo transcendental pela pura consciência imediata sem objeto nem eu, enquanto movimento que não começa nem termina? (Até mesmo a concepção espinosista da passagem ou da quantidade de potência apela à consciência).

\* *Philosophie*, nº 47, setembro de 1995, pp. 3-7.

Trata-se do último texto publicado por Deleuze antes que ele tirasse a própria vida, no dia 4 de novembro de 1995. A continuação deste texto foi publicada em anexo na reedição de bolso dos *Dialogues* (com Claire Parnet), Paris, Flammarion, col. "Champs", 1996. Esses textos pertenciam a um projeto sobre "Conjuntos e multiplicidades", do qual constam apenas esses dois textos. Deleuze queria, com isso, aprofundar o conceito de virtual, sobre o qual estimava ter se explicado pouco.

Porém, o entrelace do campo transcendental com a consciência é somente de direito. A consciência só devém um fato caso um sujeito seja produzido ao mesmo tempo que seu objeto, ambos fora do campo e aparecendo como “transcendentais”. Ao [360] contrário, enquanto a consciência atravessa o campo transcendental a uma velocidade infinita, difusa por toda parte, nada há que a possa revelar.<sup>1</sup> De fato, ela se exprime apenas ao se refletir sobre um sujeito que a remete a objetos. Eis por que o campo transcendental não pode se definir por sua consciência, que embora sendo-lhe coextensiva, subtrai-se contudo a qualquer revelação.

O transcendente não é o transcendental. Na falta de consciência, o campo transcendental se definiria como um puro plano de imanência, já que escapa a qualquer transcendência do sujeito, assim como do objeto.<sup>2</sup> A imanência absoluta é em si mesma: ela não está em algo, a algo, não depende de um objeto e não pertence a um sujeito. Em Espinosa, a imanência não é à substância, mas a substância e seus modos estão na imanência. Quando o sujeito e o objeto, que tombam para fora do plano de imanência, são tomados como sujeito universal ou objeto qualquer *aos quais* a própria imanência é atribuída, é toda uma desnaturação do transcendental que nada mais faz além de redobrar o empírico (é assim em Kant), e uma deformação da imanência, que se acha, então, contida no transcendentista. A imanência não se entrelaça a um Algo como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência já não é imanência a outra coisa que não a si que se pode falar de um plano de imanência. Assim como o campo transcendental não se define pe-

<sup>1</sup> Bergson, *Matière et mémoire*: “[...] como se refletíssemos sobre as superfícies a luz que delas emana, luz que, sempre se propagando, nunca havia sido revelada”, *Oeuvres*, PUF, p. 186.

<sup>2</sup> Cf. Sartre, *La Transcendance de l'ego*, Paris, Vrin [1936]: Sartre fixa um campo transcendental sem sujeito, que remete a uma consciência impessoal, absoluta, imanente: relativamente a ela, o sujeito e o objeto são “transcendentais” (pp. 74-87). — Sobre James, cf. a análise de David Lapoujade, “Le Flux intensif de la conscience chez William James” [O fluxo intensivo da consciência em William James], *Philosophie*, nº 46, junho de 1995.

la consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito ou um Objeto capazes de contê-lo.

Dir-se-á da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada além disso. Ela não é imanência à vida, mas a imanência que em nada é, ela própria é uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência, beatitude completas. É na medida em que ultrapassa as aporias do sujeito e do objeto que Fichte, em sua última [361] filosofia, apresenta o campo transcendental como *uma vida*, que não depende de um Ser e não está submetido a um Ato: consciência imediata absoluta cuja atividade mesma já não remete a um ser, mas que não cessa de se colocar numa vida.<sup>3</sup> O campo transcendental devém, então, um verdadeiro plano de imanência que reintroduz o espinosismo no mais profundo da operação filosófica. Não seria uma aventura semelhante o que sobrevinha a Maine de Biran, em sua “última filosofia” (aquele que ele estava cansado demais para levar a cabo), quando ele descobria sob a transcendência do esforço uma vida imanente absoluta? O campo transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência por uma vida.

O que é a imanência? uma vida... Ninguém melhor que Dickens contou o que é *uma vida*, ao considerar o artigo indefinido como indício do transcendental. Um canalha, um sujeito ruim, desprezado por todos, é recolhido morrendo e, aqueles que estão cuidando dele, eis que manifestam um tipo de desvelo, de respeito, de amor para com o menor signo de vida do moribundo. Todo mundo se precipita para salvá-lo, a ponto de o próprio vilão sentir, no mais profundo de seu coma, algo de doce a penetrá-lo. Porém, à medida que retorna à vida, seus salvadores ficam mais frios e ele reencontra toda a sua grosseria, sua maldade. Entre sua vida e sua morte, há um momento que nada mais é do que *uma vida* jogando-

<sup>3</sup> Já na segunda introdução à *Doutrina da ciência*: “a intuição da atividade pura que não é nada fixa, e sim progresso, não um ser, mas uma vida” (p. 274, *Oeuvres choisies de philosophie première*, Paris, Vrin [tradução francesa de A. Philonenko, 1964]). Sobre a vida segundo Fichte, cf. *Initiation à la vie bienheureuse*, Paris, Aubier [tradução francesa de Max Rouché, 1944] (e o comentário de Guerout, p. 9).

do com a morte.<sup>4</sup> A vida do indivíduo deu lugar a uma vida im-pessoal e, contudo, singular, que resgata um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade daquilo que ocorre. “*Homo tantum*”<sup>ii</sup> de que todo mundo se compadece e que alcança um tipo de beatitude. É uma hecceidade, que já não é de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal, pois o sujeito apenas, que a encarnava no meio [*milieu*] das coisas, é que a tornava boa ou ruim. A vida de tal individualidade se apaga em proveito da vida singular imanente [362] a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...

Nem seria preciso conter uma vida no simples momento em que a vida individual afronta a universal morte. *Uma* vida está em toda parte, em todos os momentos que atravessa este ou aquele sujeito vivo e aos quais certos objetos vividos dão a medida: vida imanente levando consigo os acontecimentos ou singularidades que nada fazem senão atualizar-se nos sujeitos e nos objetos. Esta vida indefinida, ela mesma não tem momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio em que se vê o acontecimento ainda por vir e já tendo chegado, no absoluto de uma consciência imediata. A obra romanesca de Lernet-Holenia<sup>iii</sup> coloca o acontecimento num entre-tempo que pode engolir regimentos inteiros. As singularidades ou os acontecimentos constitutivos de *uma* vida coexistem com os acidentes d'*a* vida correspondente, mas não se agrupam nem se dividem do mesmo jeito. Eles se comunicam entre si de toda um outro jeito que não o dos indivíduos. Parece mesmo que uma vida singular pode prescindir de toda individualidade, ou de todo outro concomitante que a individualize. Por exemplo, todas as crianças pequerruchas se assemelham, e elas não têm tanta individualidade; mas têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos que não são caráteres subjetivos. As crianças pequerruchas são atravessadas por uma vida imanente que é pura

potência, e até mesmo beatitude, através dos sofrimentos e das fraquezas. Os indefinidos de uma vida perdem toda indeterminação na medida em que preenchem um plano de imanência ou, o que dá estritamente no mesmo, constituem os elementos de um campo transcendental (a vida individual, pelo contrário, permanece inseparável das determinações empíricas). O indefinido como tal não marca uma indeterminação empírica, mas uma determinação de imanência ou uma determinabilidade transcendental. O artigo indefinido não é a indeterminação da pessoa sem ser a determinação do singular. O Uno não é o transcendente que pode conter até a imanência, mas o imanente contido em um campo transcendental. Uno é sempre o indício de uma multiplicidade: um acontecimento, uma singularidade, uma vida... Pode-se sempre invocar um transcendente que tombe para fora do plano de imanência, [363] ou até mesmo que se lhe atribua, só que toda transcendência se constitui unicamente na corrente de consciência imanente própria a este plano.<sup>5</sup> A transcendência é sempre um produto de imanência.

Uma vida contém apenas virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades. O que se diz virtual não é algo a que falta realidade, mas que se engaja num processo de atualização, seguindo o plano que lhe dá sua realidade própria. O acontecimento imanente se atualiza num estado de coisas e num estado vivido que fazem com que ele ocorra. O plano de imanência, ele mesmo se atualiza num Objeto e num Sujeito aos quais se atribui. Porém, por menos separáveis que sejam de sua atualização, o plano de imanência é ele mesmo virtual, tanto quanto são virtualidades os acontecimentos que o povoam. Os acontecimentos ou singularidades dão ao plano toda sua virtualidade, assim como o pla-

<sup>5</sup> Até mesmo Husserl reconhece isto: “O ser do mundo é necessariamente transcendente à consciência, mesmo na evidência originária, e nela permanece necessariamente transcendente. Mas isto em nada muda o fato de que toda transcendência se constitui unicamente na *vida da consciência*, como que inseparavelmente ligada a esta vida...” (*Méditations cartésiennes*, Paris, Vrin, p. 52 [tradução francesa de Gabrielle Peiffer e Emmanuel Levinas, 1<sup>a</sup> ed., 1931]). Este será o ponto de partida do texto de Sartre.

<sup>4</sup> Dickens, *L'Ami commun*, III, cap. 3, Pléiade.<sup>1</sup>

no de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena. O acontecimento considerado como não-atualizado (indefinido) de nada carece. Basta colocá-lo em entrelace com seus concomitantes: um campo transcendental, um plano de imanência, uma vida, singularidades. Uma ferida se encarna ou se atualiza em um estado de coisas e em um vivido; mas ela própria é um puro virtual sobre o plano de imanência que nos arrasta numa vida. Minha ferida existia antes de mim...<sup>6</sup> Não uma transcendência da ferida como atualidade superior, mas sua imanência como virtualidade sempre no seio de um meio [*milieu*] (campo ou plano). Há uma grande diferença entre os virtuais que definem a imanência do campo transcendental e as formas possíveis que os atualizam e que transformam o campo em algo de transcidente.

#### RODAPÉ DA TRADUÇÃO

<sup>i</sup> *Our Mutual Friend* foi o último romance escrito por Charles Dickens, publicado como livro em 1865 (Londres, Chapman & Hall). A tradução referida por Gilles Deleuze é de Lucien Carrive, Sylvère Monod e Renée Villoteau (Paris, Gallimard, 1991).

<sup>ii</sup> *Homo tantum*, expressão latina que poderia ser traduzida por “meramente homem”; ou “homem, simplesmente”; ou ainda “homem sem qualidades”.

<sup>iii</sup> Alexander Lernet-Holenia (1897-1976). “Suas peças, pelas quais foi premiado com o Prêmio Kleist em 1926, trouxeram-lhe uma fama precoce. Ele era um dos últimos representantes literários da antiga Áustria e tinha um olhar agudo para o presente. Similar a Graham Greene, sua obra pode ser dividida em entretenimento, textos escritos principalmente para ganhar dinheiro, e trabalhos literários mais sérios. O próprio Lernet-Holenia considerava sua poesia como sendo sua maior realização. Isso não deve desviar-nos da grandeza de seus melhores romances — *Die Standarte*, *Mars im Widder*, *Beide Sizilien*, *Der Gaf von Saint-Germain* e *Der Graf Luna* — e seus contos de mestre, como *Der Baron Bagge* e *Der blinde Gott*, reunidos em *Mayerling*. E não pode haver dúvida de que alguns de seus trabalhos mais leves, como *Der Mann im Hut*, *Die Auferstehung des Maltravers* ou *Ich war Jack Mortimer*

<sup>6</sup> Cf. Joë Bousquet, *Les Capitales*, Le Cercle du Livre [1955].

— escritos na inconfundível prosa de Lernet-Holenia, reminiscente de Heinrich von Kleist — permanecem ainda hoje fonte de entretenimento cheio de suspense.” (Esta breve apresentação foi traduzida do site [www.jbeilharz.de/autores/lernet](http://www.jbeilharz.de/autores/lernet)). Infelizmente, não há traduções para o português, até onde foi possível saber, para nenhum de seus textos.